



## XXXII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE 2012 DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

### RESUMOS

Fernanda Lopes Torres

Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ

#### Arte, História da Arte, Tempo Histórico: relações entre Kubler, Morris e Smithson

Identificamos na proposta historiográfica de George Kubler e em aspectos das práticas artísticas de Robert Morris e Robert Smithson foco sobre exacerbação da estrutura do tempo histórico moderno nos anos 60. Avanços tecnológicos da Era da Informação encurtam distâncias e incrementam aceleração do tempo cotidiano. O aumento progressivo da distância entre “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, característico da era moderna (Koselleck), produz então o fenômeno contemporâneo da não-contemporaneidade. Desautorizados para o tempo, rejeitados pelos momentos (Cioran), vivenciamos falta de prospectiva. Diante desse quadro, segue nossa hipótese: Kubler, Morris e Smithson encontram no tempo meio central de suas práticas – buscam criar extensão da experiência vivida ao enfatizar a atualidade em um real entrópico.

Pouco conhecido entre nós, Kubler desenvolveu modelo estruturalista de historiografia da arte que desafia hierarquizações culturais, cronológicas e materiais dominantes na história da arte até então. Visando superar visão eurocêntrica, suas questões metodológicas permanecem válidas hoje, quando a história da arte se estende para estudos de cultura visual, de mídia e pós-coloniais. Seu livro *The Shape of Time: remarks on the History of Things* ressoa no experimentalismo artístico norte-americano dos anos 60, sendo citado por Morris e Smithson em alguns de seus textos. Kubler propõe uma história das coisas da qual emerge uma “forma no tempo”: artefatos e obras de arte, réplicas e exemplos únicos, instrumentos e expressões, orientadas por ideias conectadas em sequência temporal intermitente e variável, têm no instante da atualidade “vazio entre passado e futuro” - tempo próprio da arte a partir do qual se dá reversão da entropia.

Para Morris, a relação entre forma e processo caracteriza trabalho “sendo feito no tempo” a partir do jogo entre passado e futuro, ato e memória. O artista encontra na memória fenômeno entrópico que permite porém reinvenção do vivido no atual. O trabalho de arte constitui assim “invenção buscando acesso para a história, uma tentativa negadora da entropia (...)”. Já o monumento entrópico smithsonianiano, que “parece fazer com que se esqueça o futuro”, remete à atualidade do presente. Registros foto/cinematográficos incorporam camadas de memória, diversos tipos de temporalidades constitutivas do entorno ordinário que permitem experiência de futuro e passado em tempo real, acenando para múltiplas histórias possíveis.